Joxe, Alain (2010) “The barbarization of peace: the neo-conservative transformation of war and perspectives” em Del Lago, Alessandro e Salvatore Palidda (2010) *Conflict, Security and the Reshaping of Society – The civilization of war*, NY, Routledge.

Barbarização da paz através de operações externas eternas, sem objectivos nacionais ou imperiais. Esta é uma consequência da emergência de classes dominantes na globalização, nomeadamente a ausência de estratégias militares e a sua substituição por estratégias de policiamento global (para protecção dos novos mercados globais e das redes de informação globais). A nova repressão não tem contado com a oposição ou o controlo dos populares, tornando-se num estado permanente de excepção (o inverso da paz universal de Kant), com consequências ecológicas e sociais (desertificação e desigualdade).

O objectivo estatal da pacificação estabelecido no século XVI deixou de ser justificação de legitimação. O principio imperial romano Pax Romana de protecção das populações deixou de ser seguido.

Porém, com base as relações de dependência da América Latina face aos EUA e, depois da II Grande Guerra, da Europa relativamente aos EUA, a “transnacionalização” das relações de empresariais e o declínio do Estado foram as bases materiais do neo-liberalismo – o privilégio dos mercados quinta coluna e a dependência dos Estados sem recurso ao proteccionismo, isto é aos instrumentos de soberania. O alinhamento da URSS e da China pela economia neo-liberal mostra a força e o reforço deste movimento, que põe em causa o próprio status quo norte-americano (e europeu).

Embora seja clara a supremacia militar norte-americana, a estratégia de guerra é deficitária e os seus custos são pagos pelas alianças euro-americanas e sino-americanas e árabes-americanas, através de uma república federal global sem determinação civilizacional: é o barbarismo global nas mãos do poderio cada vez mais privatizado (e transnacionalizado) dos mercenário (guerreiros, cientistas, políticos e media): a chamada “revolução nos assuntos militares” (RMA: vigilância electrónica e tácticas de policiamento).

O complexo militar-industrial revela-se politicamente incontrolável, em grande medida por estar em transformação como modernização sem objectivos políticos mas tão só técnicos, isto é globalizantes, ao serviço das novas classes dominantes invisíveis. Novas tecnologias de alta precisão são testadas com muitos efeitos colaterais como meras fases técnicas de afinação de sistemas e produtos de guerra. Para o que as guerras são indispensáveis para o mais eficiente funcionamento da indústria de guerra.

Os processos de paz e de reconstrução ou de estabelecimento de um Estado tem sido fracassos, aliás como as próprias guerras, mas não têm impedido a continuidade das mesmas políticas, apenas com uma maior pressão para a segunda parte dos programas de guerra.

3 consequências:

1. Autorização da violência privada
2. Substituição da soberania das democracias por via socioeconómica pela violência
3. Retoma das guerras de descolonização (por parte do “mercado) escamoteando o fracasso estratégico de tais tácticas no passado

Desproporção da economia crematística (Aristoteles para designar especulação, ver Castro Caldas powerpoint)

Desproporção dos desenvolvimentos tecnológicos e do poder dos lobbies

A política (moral e estratégia da tropa) não pode desaparecer, mas para já as classes dominantes estão na clandestinidade política. A política, para já, é a continuação da guerra por outros meios (ao contrário da fórmula de Clausewitz).

A crise revela a nova classe dominante: são os que reclamam aumentos de rendimentos, a continuidade das actividades especulativas desastrosas e a manutenção da vida (dos outros) como vícios a explorar comercialmente.

Os crimes de guerra são uma continuação dos crimes económicos (que ignoram os DH).